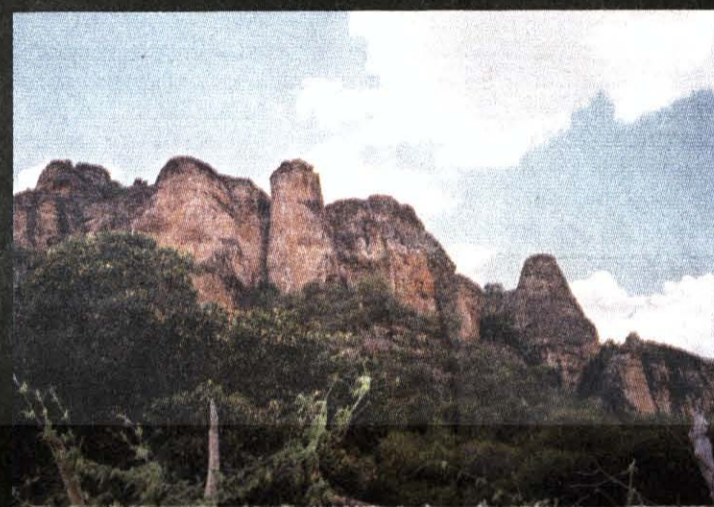


Asfalto irregular e tráfego intenso de caminhões são uma constante nas estradas brasileiras

# PARQUES NACIONAIS



## GIRO PELO PIAUÍ →

No alto, estrada rochosa aberta com picareta no Parque Nacional da Serra das Confusões; acima à esq., pintura rupestre na toca do Boqueirão da Pedra Furada, no Parque Nacional da Serra da Capivara; ao centro, formações rochosas na serra da Capivara; à dir., placa na fronteira entre os Estados da Bahia e do Piauí, na BR-135

## NATUREZA COMPENSA ESFORÇO

GABRIELA ROMEU

ENVIADA AOS PARQUES NACIONAIS

A rota dos parques nacionais do Brasil guarda surpresas: cachoeiras em serras, caminhadas entre cânions, bichos. Se a opção for conhecê-los de carro, prepare-se para uma aventura.

A Folha percorreu cerca de 9.000 km de rodovias de sete Estados e conheceu as opções de lazer e a infraestrutura de seis parques (veja fichas abaixo). No caminho, personagens mostram fragmentos da realidade do país.

Nem todos os parques estão abertos à visitação. O turismo, aliás, não é a principal atividade dessas áreas de conservação controladas pelo Ibama. Preservação do ambiente e desenvolvimento da pesquisa científica estão na lista das prioridades.

Gabriela Romeu viajou num veículo Tracker cedido pela General Motors do Brasil e, em alguns parques, ficou hospedada em alojamentos do Ibama

Págs. F2 a F10



**Desafio** → Tabuleiro de jogo montado pela Folha (págs. F6 e F7) deixa claro os problemas de alguns trechos do roteiro percorrido pela reportagem, principalmente nas estradas federais

### CONHEÇA OS PARQUES NACIONAIS

<p><b>Serra da Canastra</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Data de criação: 1972</li> <li>• Tamanho: 200 mil hectares</li> <li>• Cidades mais próximas: São Roque de Minas, Vargem Bonita, Delfinópolis, em Minas Gerais</li> <li>• Melhor época: de abril a outubro, quando chove menos</li> <li>• Dica: não deixe de conhecer o Capitólio, próxima ao parque</li> <li>• Horário de visita: diariamente, das 8h às 18h (tel. 0/xx/37/3433-2039)</li> <li>• Taxa: R\$ 3 por pessoa</li> </ul>	<p><b>Emas</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Data de criação: 1961</li> <li>• Tamanho: 132 mil hectares</li> <li>• Cidades mais próximas: Mineiros e Chapadão do Céu, em Goiás</li> <li>• Melhor época: de maio a setembro</li> <li>• Dica: quanto mais silencioso o carro, maior é a chance de visualizar a fauna</li> <li>• Horário de visita: diariamente, das 8h às 18h (tel. 0/xx/62/224-2488)</li> <li>• Taxa: R\$ 3 por pessoa (guias cobram uma taxa de R\$ 40/dia)</li> </ul>	<p><b>Chapada dos Veadeiros</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Data de criação: 1961</li> <li>• Tamanho: 235 mil hectares</li> <li>• Cidades mais próximas: Alto Paraíso de Goiás (GO)</li> <li>• Melhor época: de abril a setembro</li> <li>• Dica: pergunte sempre ao guia as dificuldades do percurso</li> <li>• Horário de visita: das 8h às 12h (entrada) até as 17h (saída). Tel. 0/xx/62/459-3388</li> <li>• Taxa: R\$ 3 por pessoa (custa R\$ 30/dia)</li> </ul>	<p><b>Serra da Capivara</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Data de criação: 1979</li> <li>• Tamanho: 130 mil hectares</li> <li>• Cidade mais próxima: São Raimundo Nonato, no Piauí</li> <li>• Melhor época: de novembro a abril, na época das chuvas</li> <li>• Dica: um percurso alternativo é pegar um ônibus ou alugar um carro em Petrolina (PE)</li> <li>• Horário de visita: diariamente, das 8h às 18h. Tel. 0/xx/89/582-2085</li> <li>• Taxa: R\$ 3 por pessoa (é preciso contratar um guia; R\$ 25/dia)</li> </ul>	<p><b>Serra das Confusões*</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Data de criação: 1998</li> <li>• Tamanho: 502 mil hectares</li> <li>• Cidades mais próximas: Caracol, Guaribas, todas no Piauí</li> <li>• Melhor época: de novembro a abril, na época das chuvas</li> <li>• Dica: só é possível visitar a região num veículo com tração nas quatro rodas</li> </ul> <p><small>*O parque não está aberto à visitação, mas com a autorização do Ibama, é possível conhecer a área. Tel. 0/xx/86/233-3369</small></p>	<p><b>Chapada Diamantina*</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Data de criação: 1985</li> <li>• Tamanho: 152 mil hectares</li> <li>• Cidades mais próximas: Lençóis, Mucugê, Palmeiras, Andaraí, todas na Bahia. Tel. 0/xx/75/332-2229</li> <li>• Melhor época: novembro e dezembro</li> <li>• Dica: a região é muito grande. Vale ficar um pouco em cada cidade</li> </ul> <p><small>*Apesar de o parque não estar aberto à visitação, os pontos turísticos podem ser visitados</small></p>
---	---	--	--	--	--

## DEZ DICAS PARA VISITAR OS PARQUES



**1** Não deixe lixo pelo caminho. Num saco plástico, também guarde resíduos largados por visitantes relapsos

**3** É proibido entrar nos parques com animais domésticos. Eles podem pegar doenças ou levá-las à fauna silvestre

**5** Abasteça a mochila: água, sanduíches e barras de cereal ou chocolate para repor as energias

**7** Pesquise sobre o roteiro antes de fazer o passeio. Você poderá desistir antes se não estiver pronto para alguns desafios

**9** Flores, plantas, frutos e pedras, entre outros, não podem ser retirados dos parques. Leve uma foto como lembrança

**2** Nunca alimente animais dos parques, para evitar a domesticação da fauna silvestre nessas áreas preservadas

**4** Nos banhos em rios, corredeiras e cachoeiras, não use sabonetes, xampus e óleos

**6** Cuidado com cobras em caminhadas em trilhas fechadas. Olhe sempre onde você pisa

**8** Não é permitido acender fogueiras nas áreas dos parques, pois o fogo pode se alastrar mais rápido do que você imagina

**10** Evite pegar trilhas alternativas durante as caminhadas. Você pode passar por locais onde a flora está intoxicada pelo homem

Editoria de Arte/Folha Imagem



**PÉ NA ESTRADA** Número alto de turistas no parque da Serra da Canastra ameaça rio São Francisco

## Nascente do Velho Chico corre risco

DA ENVIADA AOS PARQUES NACIONAIS

É no Parque Nacional da Serra da Canastra, no sudoeste de Minas Gerais, que nasce o rio São Francisco, apelidado por ribeirinhos de Velho Chico e descoberto em 1501 pelo navegador italiano Américo Vespúcio.

Na época das chuvas, como em fevereiro, a estada no local pode ser prejudicada porque as vias de acesso aos principais pontos turísticos ficam enlameadas e até carros com tração nas quatro rodas podem atolar, como aconteceu com o veículo da Folha.

Com ou sem chuva, o que não pode ficar de fora do seu roteiro é a cachoeira Casca d'Anta —a primeira queda-d'água do rio São Francisco. A beleza do local foi retratada nas pinturas do pintor francês Jean-Baptiste Debret (1768-1848) no século 19.

Outro ponto alto da visita é a nascente do Velho Chico, que percorre cinco Estados do país até alcançar a foz. Segundo a chefe do parque, Rosilene Aparecida Ferreira, o número alto de turistas está ameaçando a nascente do rio, que foi a causa da criação do parque. Por isso as regras de visitação serão mudadas.

Entre um passeio e outro, quando bater aquela fome, experimente os quitutes da serra da Canastra. Em São Roque de Minas, Eni Leite da Costa prepara pão de queijo, biscoito, sanduíche e geléia de frutas para os turistas. E só perguntar pela cidade onde a quituteira mora e bater na porta dela. (GABRIELA ROMEU)



Fotos Gabriela Romeu/Folha Imagem

Carro utilizado pela reportagem da Folha atola na lama nas imediações da serra da Canastra



Editoria de Arte/Folha Imagem

## Carro da viagem deve ter tração nas quatro rodas

DA ENVIADA ESPECIAL

Para vencer os obstáculos das estradas brasileiras do interior do país, partindo e retornando para casa sem grandes problemas, o ideal é viajar em um carro com tração nas quatro rodas —principalmente nos períodos de chuva em estradas de terra.

Picapes, como Chevrolet S10 e Ford Ranger, ou utilitários esportivos (Jeep Grand Cherokee, por exemplo) são boas opções de automóvel para esse tipo de viagem.

A manutenção do veículo off-road é um dos problemas em algumas regiões do país. Até a troca de filtro ou lubrificante pode ser complicada para modelos novos

ou pouco comuns no mercado.

Algumas assistências técnicas e oficinas mecânicas não possuem todos os itens das montadoras do país, principalmente aquelas de pequeno porte.

### Revisão

Antes da viagem, é fundamental fazer uma boa revisão do carro,

sem esquecer de checar, por exemplo, suspensão, amortecedores, pneus, freios e filtros.

Não é nada interessante descobrir no caminho que os filtros estão vencidos. Também não esqueça de verificar, com antecedência, endereços de assistências técnicas que podem ser encontradas ao longo do percurso. (GR)

## Caça alimenta população

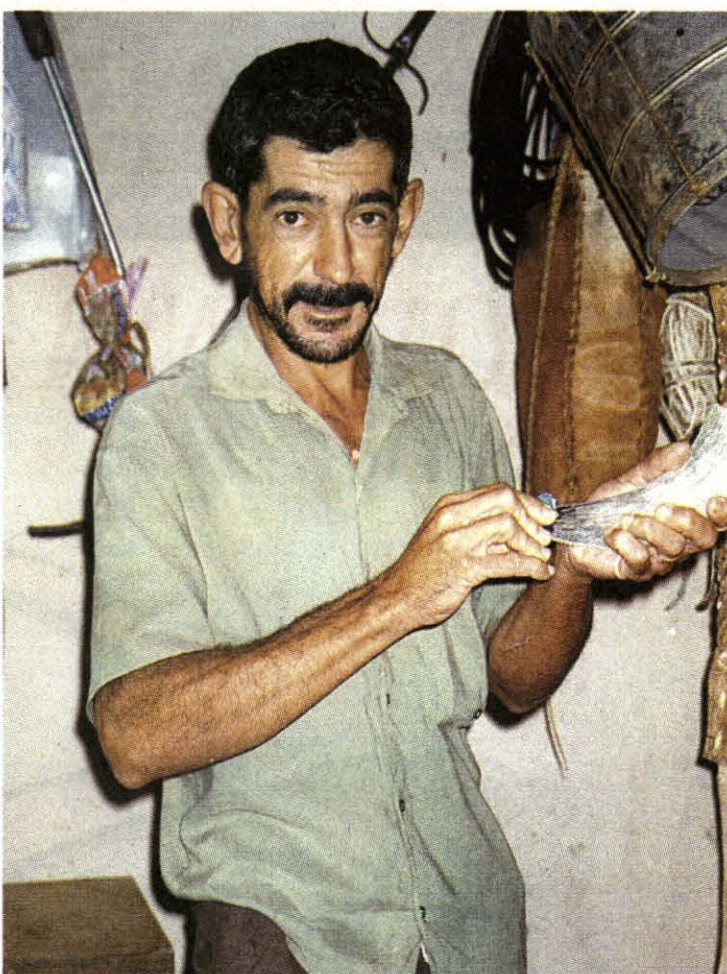
DA ENVIADA ESPECIAL

Incêndio na mata, caça aos animais silvestres e falta de atualização do plano de manejo (documento que define as diretrizes do parque). Esses são os principais problemas dos parques nacionais brasileiros visitados pela reportagem da Folha.

Nos cerrados do parque das Emas, em Goiás, o fogo natural (e não-antrópico) serve para renovar a vegetação. Mas, se não for controlado, traz grandes prejuízos à fauna e à flora da região.

Os parques da serra da Capivara e da serra das Confusões, no sul do Piauí, sofrem pressão da caça de tatu, cutia e veado, entre outros animais. Esses parques ficam em regiões miseráveis, e a caça é uma opção de sobrevivência das populações que vivem no entorno.

Outros parques ficam à espera de definições ou alterações do uso público da unidade, a partir do plano de manejo. Exemplo é o Parque Nacional da Chapada Diamantina, que foi criado em 1985, mas só agora está sendo estudado o seu plano de manejo. (GR)



**NA UNHA** Baltazar Bertolino de Faria, o Zé Bigode, já amansou muito boi da região da serra da Canastra; hoje o artesão produz cabos de ferramenta, adornos e chaveiros a partir de chifres de boi

## Jeri é o mais novo parque

DA REDAÇÃO

O primeiro parque nacional criado pelo Ibama foi o Itatiaia, entre os Estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, em 1937. Ali está o pico das Agulhas Negras, entre trechos de mata atlântica.

A partir do final da década de 30, 47 parques nacionais já foram criados —menos da metade (20) está aberta à visitação. O mais recente é o Parque Nacional de Jericoacoara (CE), criado em fevereiro. A intenção é que o vilarejo de pescadores e as dunas sejam preservados do turismo intensivo.

O número de parques nacionais tende a aumentar: o governo tem planos de transformar 10% do território nacional em unidades de proteção integral, o que também inclui reservas biológicas, estações ecológicas e refúgios da vida silvestre, entre outros.

“Hoje esse número é de 2,05%, ou 17,5 milhões de hectares. A meta deste ano é dobrar a porcentagem atual”, diz Pedro Eynard Melo, coordenador de planejamento de unidades de conservação do Ibama. (GR)



Vista do rio Jacuba, que corta parte do Parque Nacional das Emas



Pegada de um animal que vive na região do parque goiano



Placa em estrada próxima ao parque alerta para animais na via

## NA ESTRADA

# Emas devia se chamar parque dos Cupinzeiros

DA ENVIADA AOS PARQUES NACIONAIS

No extremo sudoeste de Goiás, na divisa com o Estado do Mato Grosso do Sul, está o Parque Nacional das Emas. Reduto de animais como a onça-pintada, o tamanduá-bandeira, a anta, o lobo-guará e o veado-campeiro, o parque atrai visitantes por ser um lugar em que se pode visualizar facilmente a fauna silvestre.

E as emas? É mais fácil encontrar bandos da maior ave brasileira —que chega a medir 1,5 m— nos extensos campos de plantação de soja que ficam no entorno do parque. As aves cruzam uma estrada para comer as larvas das plantações —e muitas acabam morrendo atropeladas.

Como brincam alguns funcionários do parque, o local deveria ser chamado Parque Nacional dos Cupinzeiros. Entre as árvores retorcidas e os tapetes de capim-flecha do cerrado goiano, crescem enormes cupinzeiros, alguns com até dois metros de altura.

À noite, em alguns meses do ano, os cupinzeiros vivem um fenômeno que ocorre em poucos lugares do mundo: bioluminescência. As larvas dos vaga-lumes que habitam o cupinzeiro dão um show quando produzem luzes azuladas. Mas os turistas não podem ver o fenômeno, pois o parque não funciona à noite.

Diferentemente da maioria dos parques nacionais, cujas trilhas para caminhada exigem fôlego dos visitantes, os dois percursos do parque das Emas (com cerca de 60 km cada um) são feitos no carro do próprio visitante. Se estiver com tempo, o ideal é um dia para explorar cada trilha.

A compra do bilhete de visita, porém, não é sua garantia para dar de cara com uma anta, por exemplo. De abril a setembro, a seca faz com que os animais fiquem concentrados nos pontos onde há mais água. Assim, a chance de observá-los é maior.

Com a ajuda do guia, procure as pegadas dos animais, principalmente de um grupo de 15 onças-pintadas que vivem ali. Outra dica é ficar nas faixas de aceiros (áreas que são queimadas anualmente para evitar a propagação do fogo na época da seca). Nessas faixas, as gramíneas são baixas, e os animais não conseguem se esconder facilmente no cerrado.

Mas não fique só na “caça” aos bichos do parque. Os diferentes tipos de cerrado chamam a atenção dos visitantes, com árvores como buritis, barbatimão, gabioba, pequi, arcaçá, sucupira, pau-terra, catuaba e indaiá.

Apesar da beleza cênica e da fauna rica, o parque não tem centro de visitantes. Outra dificuldade é a distância entre a principal cidade nos arredores do parque, Mineiros (GO), e uma das portarias: cerca de 80 km. Mas a estrada, entre plantações de soja a perder de vista, é boa —cuidado com os bichos que cruzam a via.

(GABRIELA ROMEU)



Cupinzeiro, que chega a 2 m

**PÉ NA ESTRADA** Rios com água que tem cor de Coca-Cola estão entre os itens da paisagem da chapada dos Veadeiros (GO)

# Trilhas íngremes levam a vista de cânions

DA ENVIADA AOS PARQUES NACIONAIS

Os altos paredões que surgem na estrada entre Brasília e Alto Paraíso de Goiás servem de aviso aos viajantes: a chapada dos Veadeiros está bem próxima. Com altitudes entre 600 m e 1.650 m, a planície central guarda cânions (ou gargantas, na fala regional), serras emaranhadas e vales verdes.

Para aqueles que adoram se esbaldar nas águas, não vão faltar cachoeiras, saltos, rios e corredeiras, principalmente entre novembro e maio. Porém, na época das chuvas, é preciso estar atento às trombas-d'água —como os moradores da região denominam as tempestades—, que enchem rapidamente os rios, tornando-se um perigo para a vida de todos.

O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (nordeste de Goiás) fica entre paredões rochosos e sobre a maior placa de quartzo do mundo. O parque ampliou seus limites de 65 mil para 235 mil hectares em 2001, ao receber o título de Patrimônio Natural da Humanidade da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura).

Assim como na região da chapada Diamantina, o ecoturismo está bem desenvolvido na chapada dos Veadeiros (há guias preparados, boas pousadas e centro de visitantes no parque, por exemplo). Por isso é fácil visitar o lugar, que tem muitos passeios fora dos limites do parque do Ibama.

As opções de hospedagem na região ficam divididas entre os que preferem o misticismo de Al-

to Paraíso de Goiás ou a vida interiorana da vila de São Jorge, mais próxima à entrada do parque. Na vila de ex-garimpeiros, os turistas podem almoçar em restaurantes instalados nas casas dos moradores ou ouvir as histórias do garimpo nos barzinhos no fim da tarde.

## Dentro e fora do parque

Dois trilhas podem ser percorridas pelos visitantes dentro do parque: uma para os saltos do rio Preto e outra para a cachoeira Carioquinhas. Dois dias são necessários para fazer os dois passeios, cada um com cerca de 12 km de caminhada, num percurso que requer fôlego para encarar certos trechos de subida íngreme.

Depois de andar algumas horas em trilhas do cerrado goiano, a paisagem é compensadora. Do alto dos cânions, o turista avista rios com água que tem cor de Coca-Cola. Não hesite em abastecer a garrafa com água fresquinha entre uma parada e outra.

Mas as atrações da chapada não acabam por aí. Fora do parque há, por exemplo, a fazenda Raizama, por onde correm as águas claras do rio São Miguel. A dica é passar uma tarde ali para curtir as piscinas naturais. "Maio é o mês ideal para visitar a chapada. As chuvas diminuem, e o cerrado fica todo florido", diz João Fernandes de Paula, 41, dono da fazenda.

Outro lugar por onde passa o rio São Miguel é o vale da Lua, que fica próximo ao morro do Segredo. O solo de rocha vulcânica parece a superfície lunar. Daí o nome.

(GABRIELA ROMEU)



Cortado pelo rio São Miguel, vale da Lua é uma das atrações em Veadeiros, onde o solo de rocha vulcânica lembra a superfície lunar



Crianças da vila de São Jorge, perto da entrada do parque



**MANSINHO** Na estrada que liga Alto Paraíso a Colinas do Sul, Sérgio Tavares de Souza, 16, tenta domar seu cavalo. "Burro é bicho difícil demais de amansar, pois pula muito", comenta ele, que amansa animais desde os sete anos e nunca saiu da cidade de Colinas do Sul, mas quer conhecer o mundo

## PACOTES POR PESSOA EM QUARTO DUPLO, COM AÉREO E GUIAS

### Serra da Canastra

R\$ 790

Seis noites, com passeios, café, três lanches, cinco refeições, traslados, entradas e seguro. Até o fim do mês. Na Pisa: 0/xx/11/5052-4085.

R\$ 1.210

Seis noites, com passeios, café, três lanches, cinco refeições e seguro. Para julho. Na Cia. Nacional de Ecoturismo: 0/xx/11/5571-2525.

### Chapada dos Veadeiros

R\$ 976

Quatro noites, com meia-pensão, passeios, traslados e seguro. Na Delfina: 0/xx/11/5535-1915.

R\$ 1.120

Quatro noites, com meia-pensão, lanche, passeios, entradas e seguro. Preço válido para julho. Na Flytour: 0/xx/11/3365-1908.

R\$ 1.142

Quatro noites em São Jorge e Alto Paraíso. Preço para junho. Na Soft Travel: 0/xx/11/3017-9999.

R\$ 1.150

Quatro noites, com café, cinco refeições, dois lanches e ingressos. Preço válido até o final do mês. Na Venice: 0/xx/11/3062-4499.

R\$ 1.255

Sete noites, com café, dois almoços, três lanches e passeios. Na Trump: 0/xx/11/6954-3663.

R\$ 1.314

Quatro noites, com meia-pensão, almoço, passeios e seguro. Na Taks Tour: 0/xx/11/6459-3355.

R\$ 1.445

Sete noites, com meia-pensão e seguro. Há "cascading" e "canyoning" pagos à parte. Na Cantareira Adventure: 0/xx/11/6991-7049.

R\$ 1.490

Sete noites, com café, passeios, sete refeições e seguro. Para julho. Na Beeline: 0/xx/11/3171-1544.

### Chapada Diamantina

R\$ 1.192

Sete noites, com passeios, dois almoços, dois lanches e seguro. Na Multistar: 0/xx/11/3825-5727.

R\$ 1.390

Sete noites, com café, passeios, quatro lanches, cinco refeições, taxas, entradas e seguro. Na Revytour: 0/xx/11/5051-8626.

R\$ 1.415

Sete noites, com café, passeios, cinco lanches, cinco refeições, entradas e seguro. Na Special Way: 0/xx/11/3064-3503 e na Venturas (até 23/6): 0/xx/11/3872-0362.

R\$ 1.470

Sete noites, com café, cinco lanches, passeios e seguro. Na Viaje Bem: 0/xx/11/3266-3070 e na FreeWay (válido até o final do

mês): 0/xx/11/5088-0999.

R\$ 1.510

Cinco noites em pousada, com meia-pensão, e duas noites acampando, com alimentação. Na Mundial: 0/xx/11/3253-3591.

R\$ 1.568

Sete noites, com café. Saída nos dias 16 e 23 de junho. Na CVC: 0/xx/11/5049-3535.

R\$ 1.580

Sete noites, com café, cinco lanches, caminhadas e seguro. Na Friends in the World: 0/xx/11/3068-9403.

### Serra da Capivara

R\$ 1.565

Quatro noites, com meia-pensão, passeios e seguro. Na Terra Mater: 0/xx/11/3141-0436.

R\$ 1.780

Cinco noites, com café, dois lanches e cinco refeições. Preço válido até o fim do mês. Na Engenharia: 0/xx/11/3023-4727.

R\$ 1.840

Cinco noites, com passeios, refeições e seguro. Para julho. Na Filhos da Terra: 0/xx/11/288-6675.

R\$ 1.870

Quatro noites, com meia-pensão, passeios e seguro. Na Ambiental: 0/xx/11/3819-4600.



Turistas nadam em poço de águas geladas no parque da Chapada dos Veadeiros

**PÉ NA ESTRADA** Comunidade remanescente de quilombos, em Veadeiros, quer manter jovens na região para não perder a cultura

# Kalungas temem perder suas tradições



Fotos Gabriela Romeu/Folha Imagem

**Crianças na escola do Engenho; os alunos não têm lápis de cor nem livro didático atualizado**

DA ENVIADA AOS PARQUES NACIONAIS

Na chapada dos Veadeiros, também está preservada a história dos kalungas, comunidade de negros remanescentes de quilombos. Cerca de 4.000 kalungas se espalham por povoados, alguns de difícil acesso, em uma região de 4.252 hectares em Cavalcante, Teresina de Goiás e Monte Alegre.

O território dos kalungas foi reconhecido como sítio histórico que abriga o Patrimônio Cultural Kalunga em 1991. Durante muito tempo, a comunidade ficou isolada em suas terras cheias de cânions, cachoeiras e olhos-d'água. Há cerca de 30 anos, eles resolveram retomar contato com a população das cidades vizinhas.

Hoje alguns vilarejos recebem turistas que buscam conhecer um pouco da história de resistência

dos kalungas. No povoado do Engenho, onde vivem cerca de 220 pessoas, os visitantes podem tomar banho de cachoeira e depois almoçar na casa de moradores.

"A gente tem prazer em mostrar nossa cultura aos visitantes. Muitos turistas vêm nos feriados", diz Cirilo dos Santos Rosa, 48, líder do povoado do Engenho.

Segundo ele, está cada vez mais difícil manter a tradição kalunga. "Os jovens vão embora para estudar na cidade e dificilmente retornam. Vão ficando os idosos." É o caso de Pedro Ferreira dos Santos, 100, que não nasceu no povoado, mas mora lá há dezenas de anos.

Rosa conta que a comunidade está batalhando para conseguir uma escola de 5ª a 8ª série no povoado —lá há apenas uma escola de 1ª a 4ª série. "É um incentivo para o jovem não deixar o povoa-

do e perder suas raízes."

Na escola do Engenho, há duas pequenas salas de aula, sem livro didático ou lápis de cor para todos. A professora Milza Francisco Maia, 41, que leciona ali há 20 anos, é kalunga. "Só sendo daqui para entender melhor a realidade dessas crianças", diz ela.

A diversão no povoado são as festas típicas. As folias de Reis, de São Benedito, do Divino, de Santo Antônio e de São João são esperadas por toda a comunidade. Há também as festas de Nossa Senhora das Neves e d'Abadia. "Sempre recebemos visitantes nessas comemorações", diz Cirilo.

O imaginário kalunga é também rico. Ainda hoje eles contam histórias dos seres dos rios, como a piratinga monstro, bicho que ataca jacarés, ou a pirarara, peixe-monstro das cachoeiras. (GR)

**PÉ NA ESTRADA** Utilizando um dado e pedões, junte os amigos para percorrer o caminho realizado pela Folha no jogo abaixo e sinta os principais problemas existentes nas pistas, além de descobrir alguns dos trechos que oferecem belas paisagens

# Transtornos como buracos e falta de sinalização nas pistas exigem espírito aventureiro

DA ENVIADA AOS PARQUES NACIONAIS

É preciso ter espírito aventureiro para viajar de carro pelo interior do Brasil, principalmente após a divisa entre Tocantins e Bahia. Para vencer os obstáculos, calcule o tempo da viagem e planeje as paradas para não passar a noite em locais com pouca (ou nenhuma) opção de cama limpa e chuveiro quente. O ideal é rodar no máximo 600 km por dia, para curtir as surpresas do caminho.

Depois que o motorista ultrapassa os limites do Estado de São Paulo, é dada a largada para uma viagem em estradas esburacadas, mal-sinalizadas e com pouca infraestrutura (restaurantes, postos de gasolina e pousadas).

A primeira surpresa agradável ocorre na estrada Euclides da Cunha (SP-320), passando por Votuporanga: o motorista cruza a ponte sobre o rio Paraná, que faz a divisa entre São Paulo e Mato Grosso do Sul. A ponte tem cerca de 3,800 m, e o rio parece mar.

Do outro lado do rio, fica o município de Aparecida do Taboado (com cerca de 16 mil habitantes), já no Estado do Mato Grosso do Sul, onde os moradores andam de um lado para o outro de bicicleta.

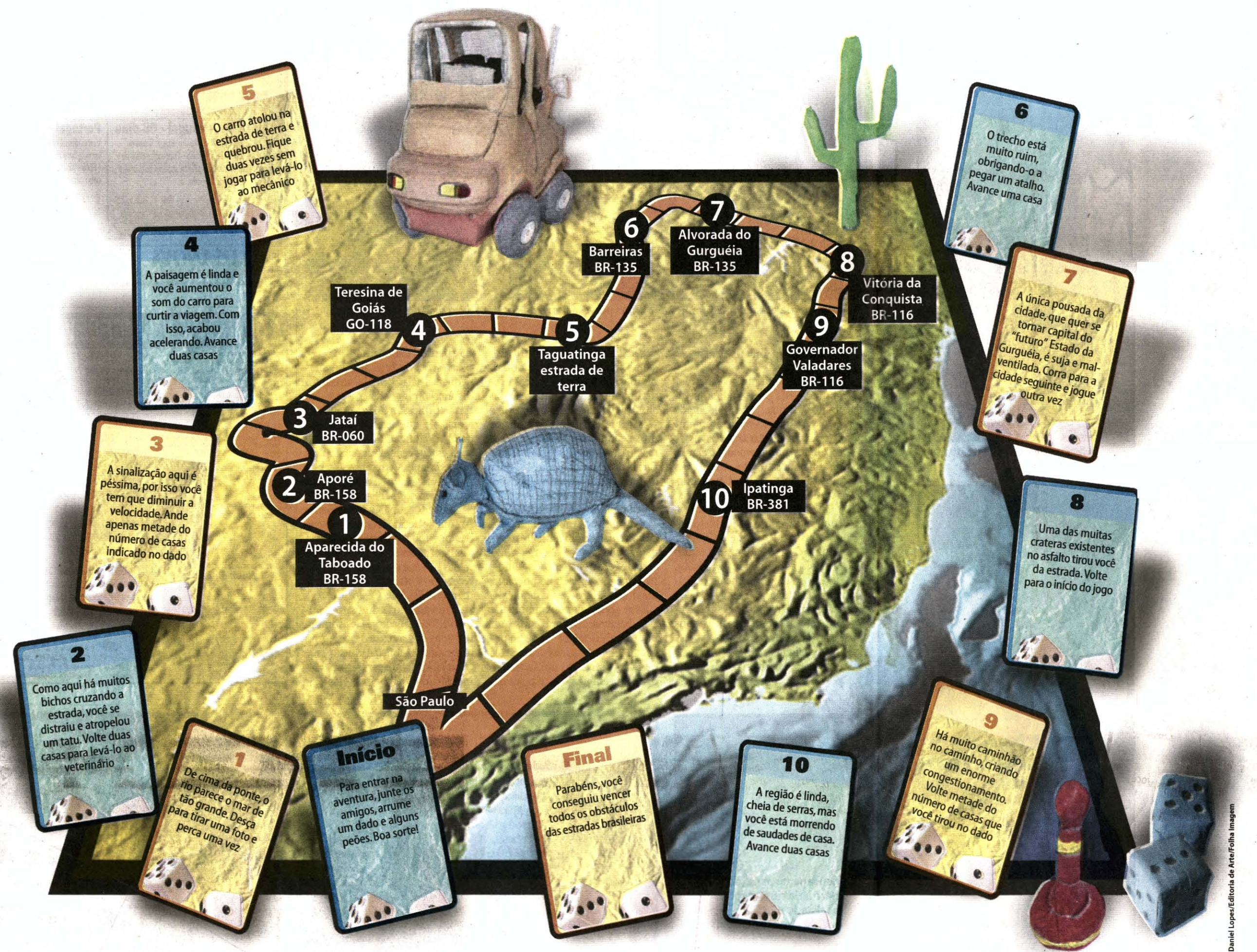
Há estradas em que você percorre quilômetros sem encontrar nenhum viajante. Em outras, tatus, seriemas e guaxinins cruzam o seu caminho. Exemplo típico é a BR-158, estrada próxima à cidade de Aporé (GO). Não é raro encontrar algum bicho atropelado por um motorista desatento.

Ainda no Estado de Goiás, um trecho bastante perigoso é o que liga as cidades de Mineiros e Jataí, na BR-364, com verdadeiras crateras no asfalto. Cuidado: nos trechos mais deteriorados, caminhões grandes buscam a pista contrária para fugir dos buracos.

Pouco adiante, entre as cidades de Jataí e Rio Verde, o motorista tem de redobrar a atenção devido à péssima sinalização na BR-060. Quem dirige nesse trecho tem a sensação de estar num liquidificador, tamanha é a tremedeira do carro por causa dos buracos.

Após cruzar Goiânia e Brasília, chegando à região da chapada dos Veadeiros, entre Alto Paraíso de Goiás e Teresina de Goiás, paredes rochosas crescem na estrada bastante curvilínea, orlada de buritis em alguns trechos. Como esse pedaço da GO-118 é bom, vale a pena aumentar o som do carro e curtir a paisagem do cerrado.

(GABRIELA ROMEU)



## Dificuldades aumentam após TO

DA ENVIADA ESPECIAL

Aventura mesmo começa na divisa entre o Tocantins e a Bahia. Após Taguatinga (TO), seguindo por uma via de terra entre plantações de soja, a tração do veículo 4x4 usado pela Folha quebrou. E o pior: assistência técnica, só em Luís Eduardo Magalhães (antiga Mimoso) ou Barreiras, na Bahia.

Entre Barreiras e Alvorada do Gurgueia (PI), pela BR-135, a velocidade é de até 30 km/h numa estrada cheia de buracos. Se o carro não tiver ar-condicionado, o motorista ainda engole poeira.

A estrada está tão deteriorada que, antes de Formosa do Rio Preto, perto do Piauí, moradores sugerem que se pegue um atalho por uma via de terra que corta o vilarejo de Caripará (BA), aumentan-

do o trajeto em cerca de 40 km.

Mas o atalho tem interesse antropológico: mulheres e meninas carregam latas d'água na cabeça, há casas de pau-a-pique e jumentos fazem um serviço pesado.

As dificuldades do retorno a São Paulo, pelo interior da Bahia, são até pequenas se comparadas ao trajeto para chegar ao sul do Piauí. Até Vitória da Conquista (BA), pela BR-116 (Rio-Bahia), o asfalto é bastante irregular. A quantidade de caminhões na estrada também é um obstáculo.

Em Minas Gerais, seguindo na BR-116, até Governador Valadares, não é indicado viajar à noite, devido ao intenso fluxo de caminhões. Já a BR-381, para Belo Horizonte, é uma estrada boa. As serras próximas a Ipatinga tornam a viagem mais agradável. (GR)

## Orçamento baixo prejudica pistas

DA ENVIADA ESPECIAL

A insuficiência de verbas para conservação de estradas e a circulação de caminhões com excesso de peso são os principais problemas das rodovias federais, segundo Jony Lopes, chefe de serviço de planejamento do DNIT (Departamento Nacional de Infra-Estrutura de Transportes), do Ministério dos Transportes. "O peso máximo de cada caminhão deve ser de 45 toneladas, mas há veículos que rodam com 60 toneladas."

Segundo ele, seriam necessários seis anos (com investimento de R\$ 1,5 bilhão por ano) para pôr toda a malha rodoviária federal em bom estado. Em 2001, o gasto com conservação e restauração de estradas foi de R\$ 741 milhões, e a verba total, de R\$ 2,1 bilhões.

O DNIT planeja passar para a iniciativa privada a manutenção de 20.000 km dos seus 56.000 km de rodovias pavimentadas. As empresas cuidariam da sinalização, dos buracos e do mato que invade as pistas. (GR)

## ORÇAMENTO Piauí recebe poucos investimentos

O orçamento do Piauí deste ano para estradas é de R\$ 47.711.223, o de Pernambuco, R\$ 99.915.428, e o de Minas Gerais, R\$ 477.694.387. Segundo o Ministério dos Transportes, a maior porcentagem de estradas em péssimas condições está no Piauí.

## INDEPENDÊNCIA Sul do Estado quer se emancipar

Na entrada de Alvorada do Gurgueia, uma placa avisa que o município, que só tem uma praça, uma igreja e uma pousada (suja e sem ventilação), é a futura capital do Estado da Gurgueia! Ali há um movimento para transformar o sul do Piauí em outro Estado.

**PÉ NA ESTRADA** Isolado em região carente, parque do PI dispõe de livros e guias para turista entender sítios arqueológicos

# Infra de Capivara compensa difícil acesso

DA ENVIADA AOS PARQUES NACIONAIS

É difícil chegar ao Parque Nacional da Serra da Capivara, no sudeste do Piauí. Mas, pela beleza agreste e pela importância histórica do local, vale a pena enfrentar as estradas em péssimas condições que ligam São Raimundo Nonato, cidade próxima ao parque, e a Bahia (leia mais sobre as estradas na pág. F6).

A razão da criação do parque, em 1979, foi a descoberta de sítios arqueológicos durante uma expedição franco-brasileira coordenada pela arqueóloga Niède Guidon.

Hoje há mais de 545 sítios encontrados, dezenas deles com desenhos de milhares de anos, além de outros achados, como fósseis de animais pré-históricos, materiais líticos e esqueletos humanos.

Apesar de bastante isolado numa região que abrange os Estados brasileiros mais pobres, foi o parque com melhor infra-estrutura visitado pela Folha. Todas as tocas abertas à visitação são bem cuidadas e possuem rampas que facilitam a visualização das figuras nas paredes. Também não faltam guias, mapas e livros.

Lá você vai até ficar cansado de ver tanta pintura rupestre nas paredes das tocas, com cenas de luta, parto, sexo e caça. Emas, macacos, onças e capivaras também compõem os registros, alguns feitos há cerca de 12 mil anos pelos homens pré-históricos.

Além de apreciar a arte da Pré-História, os turistas conhecem na serra da Capivara um ecossistema único no mundo: a caatinga, que significa "floresta branca" na língua indígena. Nos boqueirões, árvores frondosas se destacam dos arbustos da caatinga. Ali há resquícios de mata atlântica.

Entre as plantas cactáceas, como o mandacaru e o xiquexique, iguanas de diversos tamanhos tomam banho de sol, e mocós (tipo de roedor comum na região) escalam paredões.

Antes de conhecer esses tesouros, o visitante deve ir ao museu do Homem Americano, em São Raimundo Nonato. A visita é cansativa, pois há muitos painéis para ler, mas se trata de uma forma didática de entender melhor os locais a serem visitados.

Lá estão os caninos do tigre-de-dente-de-sabre, animal que desapareceu do planeta há cerca de 10 mil anos, e artefatos líticos (pedras lascadas ou polidas), usados

## Projeto prevê que visitante reviva a Pré-História

DA ENVIADA ESPECIAL

Imagine um lugar cheio de animais como o tigre-de-dente-de-sabre e a preguiça gigante e onde uma das formas de comunicação é por meio de pinturas rupestres, feitas em tocas de pedra. Esse é o futuro parque temático Arkeópolis, idealizado pela arqueóloga Niède Guidon, um projeto orçado em cerca de R\$ 90 milhões.

A Fumdam (Fundação Museu do Homem Americano), coordenada pela arqueóloga, comprou mais de 3.000 hectares de terra para a construção do parque e de um hotel de luxo em São Raimundo Nonato.

"A idéia é proporcionar uma experiência pré-histórica. Os turistas aprenderão a fazer a tinta usada pelos homens pré-históricos, lascar pedra e até passar a noite em um abrigo", diz ela.

A época da extração da maniçoba (árvore da qual se extraía o látex, no início do século 20, será retratada em trilhas históricas. Os turistas verão ruínas do período.

O projeto depende da construção no município de um aeroporto, com início prometido para este ano, diz Guidon. "Com o aeroporto, o hotel e o parque temático, haverá sustentabilidade econômica na região." (GR)

pelos homens pré-históricos para fabricar armas e instrumentos.

Depois a dica é traçar um roteiro para conhecer alguns dos cem sítios arqueológicos abertos à visitação. "A cada ano cerca de 30 tocas são descobertas", diz Guidon.

São indicados no mínimo três dias para andar pelo sertão à procura dos desenhos. Há abrigos com belezas raras, como a toca dos Veadinhos Azuis, a do Boqueirão da Pedra Furada e a do Baixão das Mulheres.

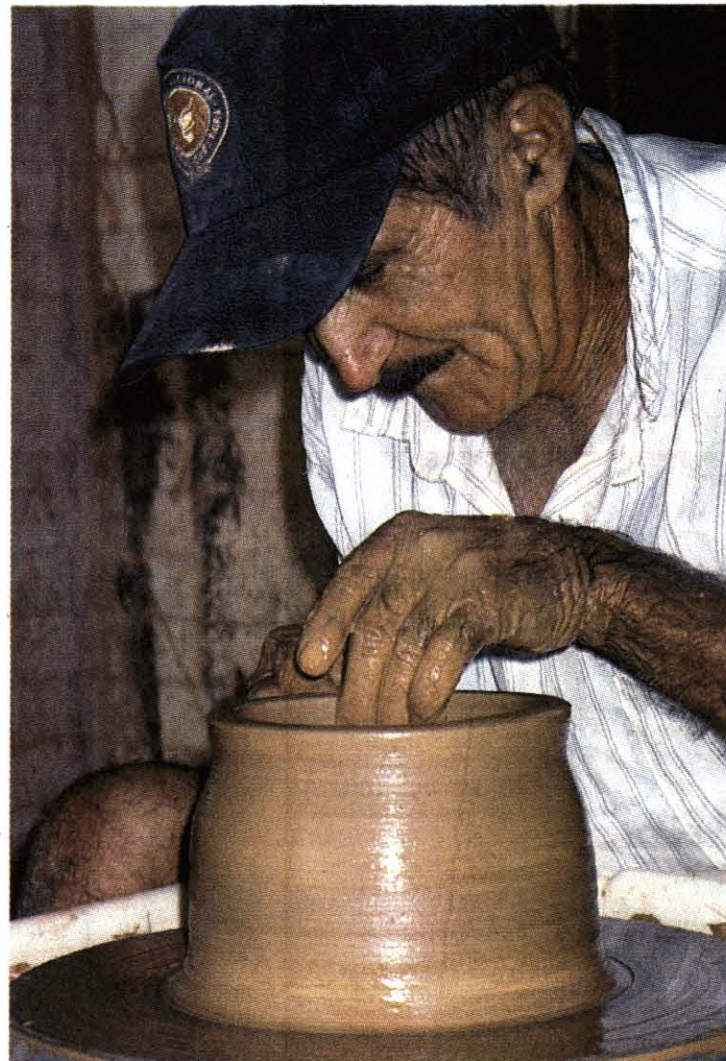
(GABRIELA ROMEU)



Visitantes apreciam formações rochosas dos arredores do Parque Nacional da Serra da Capivara, que fica na região sudeste do Piauí



No alto, cena de sexo em toca do parque; acima, série de figuras humanas, chamadas pelos locais de 'neguinhos', sob desenho de animal



Nivaldo Coelho de Oliveira, artesão que ajudou pesquisadores

## Caçador de toca vira ceramista

DA ENVIADA ESPECIAL

Nivaldo Coelho de Oliveira, 69, é um dos grandes caçadores de sítios arqueológicos da serra da Capivara. Ele se orgulha de ter sido o primeiro guia da arqueóloga Niède Guidon em suas andanças pela caatinga no final dos anos 70.

"Nem sei quantas tocas já descobri, mas deve ter sido pelo menos a metade delas." Quem encontra a toca pode escolher seu nome. "É difícil encontrar tantos nomes. Muitas vezes a gente coloca o nome do dono do lugar."

Hoje Oliveira comanda uma fabriqueta de cerâmica com reproduções de pinturas rupestres, com qualidade e preços bons.



Vista do parque da Serra das Confusões, criado pelo Ibama em 98

**PÉ NA ESTRADA** *Visita só pode ser feita com autorização prévia do Ibama*

# Informação rala faz jus ao nome de Confusões

DA ENVIADA AOS PARQUES NACIONAIS

Aqueles que conseguirem chegar ao sudeste do Piauí não podem perder a oportunidade de conhecer o Parque Nacional da Serra das Confusões, a 98 km da serra da Capivara, por uma estrada de terra bastante precária. Os diferentes tons de luz modificam a cor das serras brancas e vermelhas ao longo do dia, confundindo as pessoas. Daí a origem do nome.

Criado no final de 1998, o parque das Confusões ainda não está aberto. Para conhecê-lo, é preciso pegar com antecedência uma autorização do Ibama, que controla as unidades de conservação.

Prepare-se para uma verdadeira aventura. Não há locais para comer e beber, nenhum centro para obter informação ou mapas de orientação. Dica: alguns guias de São Raimundo Nonato acompanham visitantes na serra das Confusões, marcada pela transição entre a caatinga e o cerrado.

As surpresas começam logo na entrada: uma estrada no meio das

serras rochosas, aberta com picareta, leva os aventureiros aos locais turísticos. A via chega a um dos pontos elevados do lugar, de onde se vê formações de arenito num vale (verde, quando chove).

Outra parada é a gruta do Riacho dos Bois, oásis no meio do sertão. De uma de suas aberturas, a água brota das pedras e pinga sem parar. Na entrada há pichações nas paredes; uma, ironicamente, diz: "Preserve a natureza".

Há também tocas com pinturas rupestres, ainda sem estudo, na região. Cerca de dez delas foram registradas e pelo menos duas são de fácil acesso: a toca das Andorinhas e a do Enoque. Mas, na época em que a reportagem da **Folha** visitou o local, fezes de gado estavam espalhadas pelo chão.

Segundo o chefe da unidade, José Wilmington Paes Landim Ribeiro, o parque das Confusões aguarda a finalização do plano de manejo (documento do Ibama que define diretrizes) para orientar o ecoturismo na região.

(GABRIELA ROMEU)



Desenhos geométricos ainda não estudados em toca local



Crianças do vilarejo carente de Barreiro, nos arredores do parque

Fotos Gabriela Romeu/Folha Imagem



**PÉ NA ESTRADA** Na chapada baiana não faltam rios e cachoeiras, como a da Fumaça, de 340 m de altura

# Águas de Diamantina aliviam aridez

DA ENVIADA AOS PARQUES NACIONAIS

Para fugir da aridez do sul do Piauí, a chapada Diamantina, no Estado da Bahia, é a próxima parada. Não faltam rios, poços, corredeiras e cachoeiras entre serras marcadas pelo garimpo de diamantes no passado.

O Parque Nacional da Chapada Diamantina, localizado a 448 km de Salvador, foi criado em 1985. Apesar de ainda não estar oficialmente aberto aos visitantes, o fluxo a um dos principais pontos turísticos do parque é alto. Trata-se da cachoeira da Fumaça, que mede 340 m de altura.

Como o ecoturismo está bem desenvolvido na chapada baiana, há opções de guias, pacotes de passeios, pousadas e restaurantes em Lençóis, cidade mais badalada

da região. O cenário é composto por casinhas coloridas, com crianças risonhas nas janelas.

Para conhecer o morro do Pai Inácio, um dos cartões-postais da região, é indicado estar em Palmeiras, cidadezinha bem sossegada. Outra dica é aproveitar o fim de tarde no morro — a subida só é permitida até as 17h, o que é uma pena. Do alto, você vê paredões rochosos, esculpidos ao longo do tempo com uma ajudinha dos ventos e das chuvas.

## Banhos

Depois de avistar a serra do Sinacorá, os visitantes com mais fôlego ainda podem tomar um banho nas águas escuras do poço do Diabo, que fica no rio Mucugezinho. As paredes do poço servem de trampolim para os banhistas.

No caminho para o poço, não deixe de reparar no desenho curioso do morro do Camelo.

Perto do município de Andaraí estão os poços Azul e Encantado, ambos com cor azulada e águas cristalinas. Mas o banho só é permitido no poço Azul — guias controlam o tempo que o turista fica dentro d'água. Os aventureiros, no entanto, vão preferir a descida (ingreme) ao poço Encantado.

Uma opção relaxante para quem já está cansado de subir e descer morro é passear de canoa canadense em Marimbus, conhecido como o pantanal baiano.

O passeio, pelo rio Santo Antônio, é indicado para famílias. Nessa extensa área alagada, vicejam plantas como a vitória-régia e a orelha-de-onça.

(GABRIELA ROMEU)



Fotos Gabriela Romeu/Folha Imagem

**PAREDE SÓLIDA** Angélica Mendes Paes, 9, mora numa casa de pedras perto do rio Mucugezinho, onde ajuda a mãe a lavar a roupa da família e onde visitantes tomam banho no poço do Diabo



Vista da chapada Diamantina a partir do morro do Pai Inácio, um dos cartões-postais da região

## HOSPEDAGEM NOS PARQUES NACIONAIS\*

### Emas (GO)

Em Mineiros	
Líder	R\$ 20
Dallas	R\$ 50
Pilões Palace	R\$ 95

Reservas - Dallas: 0/xx/64/661-1534; Líder: 0/xx/64/661-1149; Pilões Palace: 0/xx/64/661-1547

### Serra da Canastra (MG)

Em São Roque de Minas	
Chapadão da Canastra	R\$ 40**
Pousada Barcelos	R\$ 40**

Em Delfinópolis	
Pousada Rio Grande	R\$ 45
Rosa dos Ventos	R\$ 60**

Reservas - Chapadão da Canastra: 0/xx/37/3433-1267; pousada Barcelos: 0/xx/37/3433-1216; pousada Rio Grande: 0/xx/35/3525-1073; Rosa dos Ventos: 0/xx/35/3525-1358

### Chapada dos Veadeiros (GO)

Em Alto Paraíso de Goiás	
Recanto da Grande Paz	R\$ 67
Pousada Chácara Anos Luz	R\$ 80
Pousada Alfa e Ômega	R\$ 75***

Reservas - Pousada Chácara Anos Luz: 0/xx/62/446-1315; pousada Alfa e Ômega: 0/xx/62/446-1225; Recanto da Grande Paz: 0/xx/62/446-1452

### Serra da Capivara e Serra das Confusões (PI)

Serra da Capivara	R\$ 70
-------------------	--------

Reservas - Serra da Capivara: 0/xx/89/582-1760

### Chapada Diamantina (BA)

Em Lençóis	
Canto das Águas	R\$ 90
Portal Lençóis	R\$ 195

Reservas - Canto das Águas: 0/xx/75/334-1154; Portal Lençóis: 0/xx/75/334-1233  
\* Diária para casal, com café;  
alguns preços podem mudar em julho  
\*\* Diária para casal, com café, em dia de semana  
\*\*\* Diária para casal, com café, até 20/6

"Guia Philips Parques Nacionais" (384 págs.)  
Quanto: R\$ 29  
Onde comprar: PubliFolha - 0800-140090;  
www.publifolha.com.br